



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Paulo Freire e Rodolfo Kusch:

aproximações para pensar Filosofia e Educação na América Latina
Cláudio Roberto Brocanelli

Como citar: BROCANELLI, C. R. Paulo Freire e Rodolfo Kusch: aproximações para pensar Filosofia e Educação na América Latina. *In:* CARVALHO, A. B. de; BROCANELLI, C. R.; SANTOS, G. de S. (org.). **Pensamento Latino-Americano e Educação:** por uma ética situada. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 97-106. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-25-5.p97-106>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PAULO FREIRE E RODOLFO KUSCH: APROXIMAÇÕES PARA PENSAR FILOSOFIA E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Cláudio Roberto Brocanelli

UNESP/Marília

A educação brasileira ganhou contribuições importantes de Paulo Freire em épocas em que o projeto educativo se iniciava de forma mais consistente e com a atuação do Estado para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas à educação. Assim, a perspectiva de uma educação para todas as pessoas começava a ser vislumbrada por muita gente. Durante muito tempo ainda, aquilo que estava reservado a pessoas mais abastadas ou que tinham algum interesse em seguir carreira religiosa, continuava sendo privilégio. Aos poucos, passava a ser possibilidade mais próxima, chegando aos nossos dias como escola obrigatória, para todos e com as características próprias como gratuita, laica, pública e de qualidade.

Claro está que isso tudo ainda permanece como desafio no Brasil. Há sérios problemas no sistema educacional, os quais privilegiam alguns,

excluem outros e conserva grande número de pessoas à margem. De todo modo, é mister que se tome como pauta de discussão e luta permanente a busca por uma educação que leve as pessoas à dignidade de vida. Paulo Freire sempre buscou desenvolver uma metodologia de trabalho e estudos que primasse pela conquista de novas possibilidades de vida que não meramente aquela determinada por um poder soberano e dominador. Seu desejo sempre foi o de que as pessoas, por meio da educação, pudessem, ao mesmo tempo em que ocorria a alfabetização, alcançar a consciência de si e da sociedade em que vivem, superando os limites, fazendo parte da sociedade e, em grande medida, pudessem escolher outra forma de vida que não a de resignação total às determinações alheias.

Com estas ideias, sempre fui tomado pela Filosofia da Educação e pelo pensamento de Freire, dando-me elementos para pensar outras possibilidades de educação que não seja determinada estritamente por decisões superiores e mantendo os alunos e todos os demais como subalternos. A educação, portanto, deve ser um meio de promoção da vida da pessoa de forma que ela faça a leitura de seu mundo diferentemente que antes, este que se dava num regime de submissão; este regime deve ser superado, não aceitando ser dirigido por outrem sem que tal decisão tenha passado pela sua reflexão e plena consciência do que ocorre ao seu redor e em si mesma. A escola, a educação e todos os espaços propícios para isso devem favorecer o crescimento da pessoa, sua libertação de amarras e grilhões que as mantêm prisioneiras; deve oferecer a releitura: leitura do mundo, leitura da palavra e nova leitura de mundo que a liberte.

Freire, além de suas contribuições no campo da educação brasileira, deixou legado a toda educação latino americana, além, ainda, de ser referência em vários países do mundo. Seu pensamento é recurso para se pensar a vida marginalizada que é aparente e escancarada na América Latina; vida tomada, vida de sofrimento, vida abandonada, cultura invadida, vida resignada e explorada. Tudo isso, de algum modo precisa ser superado pelas próprias mãos humanas, quiçá, de acordo com as crenças aqui ainda persistentes, pelas divinas, as quais dão brilho aos olhos de povos pobres sofredores. A libertação não pode ser algo dado, mas iniciado no terreno dos próprios povos sul-americanos.

Com isso, desejo aqui considerar uma possibilidade: pensar com Paulo Freire e Rodolfo Kusch, juntando pensamentos, ideias e conceitos.

Kusch realizou estudos com povos indígenas e demais povos excluídos na América Latina. Considerou que há uma forte invasão de pensamentos e culturas que dificultam a vivência daquilo que é cultura integrante do ser daqui, destas terras. A invasão norte americana e europeia são elementos que impedem a vida genuína do povo destas terras; culturalmente, nós fomos tomados e continuamos a ser tomados por pensamentos, culturas e formas de vida ‘não nossas’. Kusch destaca o valor de pensar uma filosofia a partir do que há aqui. A partir do ser legitimamente aqui constituído, com sua cultura, suas crenças, seus valores, seus afazeres e tudo o que pode ser considerado deste território.

Há, por consequência, reinando neste território, um medo de ser nós mesmos e o medo de pensar ‘o nosso’ como forma de filosofar a partir do que é e há aqui, como processo de posicionamento e libertação. Toda nossa educação, nossa escola, valoriza o setor culto, aquilo que já foi legitimado pelo poder dominador e que deve ser transmitido, ensinado, decorado e assimilado por todos. Por sua vez, há um setor popular, desprezado; aquilo que realmente é e existe aqui, deixado de lado para que aquele primeiro setor se sobressaia e ganhe soberania. É comumente valorizada a técnica acadêmica a fim de que não haja o inesperado; tudo pode ser definido, determinado e programado, desprezando a surpresa, que poderia ser a contribuição do outro, do ser daqui e daquilo que é ou seria a cultura inicial.

Assim, como primeiro processo de pensamento, é fundamental que se considere, com os dois pensadores, a cultura do medo e a falta de uma educação como fonte de libertação. É oportuno criar espaços para pensar filosoficamente a partir daqui mesmo, do que constitui nosso ser latino americano. A cultura indígena ou do povo, ainda que já misturado, é o primeiro recurso para, antes de qualquer libertação, se viva como se é. Sugere-se viver a partir de si mesmo, antes de assimilação cega de culturas estrangeiras como sendo a verdade absoluta. A superação da vida submissa, resignada e subserviente é fundamental para reconhecer os valores do que já se tem, que é cultura própria.

Pensar tais aproximações entre os autores e instigar a consciência de uma filosofia daqui é passo importante para uma compreensão do processo histórico e modo de encontrar outras saídas e possibilidades que não meramente o cumprimento de ordens de outrem. Desejo pensar, pese o

trabalho gigante dos autores, a realidade da escola, da educação, do processo educativo que se dá, comumente, em forma de imposição, desconsiderando tudo o que culturalmente cada aluno leva para a escola. Nossa postura, como professores, considerando os autores aqui apresentados, mais se repete como dominadores do que como prática de uma libertação e de uma leitura da palavra como possibilidade de compreensão do mundo e de sua releitura. Desejo criar consciência e meios para elaborar e possibilitar compreensões nesse sentido, em sala de aula e em qualquer outro ambiente que promova educação como processo de formação humana.

Nesse processo de reflexão e de compreensão da realidade latino americana, o objetivo centra-se nos estudos sobre o pensamento de Paulo Freire e de Rodolfo Kusch a fim de aproximar suas reflexões e conceitos. Ambos elaboram crítica à sociedade instalada na América Latina, priorizando o pensamento culto, definido e legitimado, sobrepondo-se àquilo que é culturalmente nascido nestas terras. A partir dos pensamentos, aproximando-os, este texto tratará de iniciar o estudo e a reflexão dos conceitos mais importantes que ainda permitem a conservação da vida resignada, a saber, o medo da liberdade e o medo do ser que está aí. Ou seja, o medo de ser o que se é e a resignação a tudo aquilo que vem de fora, conservando o que é estrangeiro em lugar dos valores que há dentro; este é um passo fundamental a ser dado tanto a partir do e no pensamento filosófico quanto em ambientes menores, os de sala de aula que, comumente, reproduzem regimes de dominação.

Em nosso meio acadêmico e no sistema educacional, dificilmente se considera a vida de nossos alunos, a vida de nosso povo. Parte-se do já sabido, daquilo que a escola tomou para si como verdade e tudo o que o poder dominador permite ser estudado a partir do currículo preestabelecido. Pouquíssimas ações primam por valorizar o que é das bases, do povo, de uma cultura local, etc. O que mais vale é o que está didaticamente e estrategicamente determinado para os estudos, desde a primeira escola até a universidade. Portanto, localizar tal realidade consiste em declarar que há a necessidade de superação das violências já cometidas e das possibilidades de novas formas de vida. A importância da problematização das invasões culturais, do desfavorecimento e desvalorização do que é daqui são situações fundamentais para a conscientização e as novas leituras de mundo, considerando as culturas locais.

Por meio de uma filosofia da América Latina e seu reconhecimento, esta reflexão objetiva dar condições para o pensamento dessas questões na educação, em sala de aula e em ambientes que propiciem um crescimento intelectual, moral, social e político de nosso povo e de nossa realidade.

Portanto, este texto demonstra sua importância na medida em que aproxima o pensamento de dois autores do século XX, desvelando os valores do povo latino americano e seu pensamento; aquilo que é da raiz de um povo, aquilo que surge de seus desafios, dificuldades e misérias, aquilo que retrata sua natureza, pessoal e ambiental, tudo isso deve ser elemento importante de sua contribuição para o pensamento e a reflexão, também filosófica, com finalidades de um crescimento que seja mais coerente e integrado com a realidade onde estão imersos, inseridos e vivenciando-a. Por esse caminho, tanto Freire quanto Kusch buscam tais elementos como constitutivos de um povo que, em grande medida, foi explorado e permaneceu inerte por causa das forças estranhas, estrangeiras e exteriores; o que veio e continua vindo de fora, além da imposição, é aceito por haver acostumado a um ritmo de vida passiva. Portanto, urge repensar sua posição; urge oferecer os elementos próprios daqui, deste lugar, para que sejam pensadas novas maneiras. Como nos lembram alguns filósofos, é preciso pensar de outro modo. É isso que os autores em questão nos propõem: pensar de outro modo, pensar de outro lugar (do aqui) e fazer valer o que aqui é vivido e criado.

Freire (1961), insistiu incansavelmente em declarar uma Pedagogia do Oprimido. As atitudes daquele que é oprimido não são vistas e nem consideradas em nosso meio. Seja qual for a modalidade ou o ambiente, todo oprimido não é visto porque é colocado em condição de passividade e resignação. Porém, há saídas, ainda que difíceis de acontecerem: pode haver uma libertação do medo por parte do que é oprimido ou uma nova postura, ajudando a libertar, esta ajuda vinda da parte de quem oprime, o que é situação mais difícil, pois também exige tomada de consciência. De todo modo, o oprimido pode inserir-se numa forma de educação como prática da liberdade (FREIRE, 1967). Nessa práxis, as relações vão sendo modificadas e vai ocorrendo a libertação na forma de tomada de consciência de seu lugar no mundo. Se a leitura do mundo já existe, por meio da leitura da palavra, em sua 'Carta de Paulo Freire aos Professores' (FREIRE, 2001), haverá nova leitura do mundo, nova forma de ver as condições de vida e busca de

consciência libertadora com o quefazer novo, libertando-se e hominizando-se como parte integrante do mesmo mundo em que todos estão inseridos, sem classificações estereotipadas pelo estranho, pelo de fora, mas na criação de nova forma de vida conjunta a partir de dentro mesmo.

Assim, justifica-se um estudo como este e que dê condições de pensar e educar para a libertação; isso implica na libertação permanente e constante de todos, sem exceção. Quando Kusch propõe pensar a singularidade do homem latino americano, sua intenção é desvelar as condições de vida submetida e resignada aos estranhos, ou estrangeiros; seu pensamento se aplica à compreensão da realidade. Numa postura antropológica e filosófica, tende a problematizar a construção do pensamento do povo daqui. Kusch (1976) quer pensar e propor pensar sobre o ‘ser da América’ que comumente vive épocas de Crise; essa época, infelizmente, é uma constante da qual precisamos nos livrar.

Sua reflexão parte de uma geocultura do homem americano, o qual vive um modo de ser na crise permanente, pois desprezado, diminuído, tornado resignado aos meios dominantes externos, estrangeiros e exteriores a si mesmo. Assim comportando-se, age com o medo ‘de nós mesmos’ e com o medo de pensar uma filosofia que seja daqui, que seja nossa. Há, já caracterizado no povo sul americano, a dicotomização entre setor culto – o como deve ser e fazer as coisas – e o setor popular – o que se é, porém, desvalido e desprezado.

Assim, Kusch (1976) defende a filosofia como algo que se constitui e é aquilo que deve ser iniciado e instigado aqui em nosso lugar; o pensamento popular (setor popular) é algo que se constitui antes de ser apresentada a técnica, antes do outro cristalizado (setor culto). Então, seria interessante pensar primeiramente a ética, para depois explicar o como e porque fazer do modo como é apresentado. Aqui poderíamos apresentar o valor da surpresa, o que também tem sido ignorado pelo homem do exterior. Este se vale da técnica para não encontrar-se com o inesperado, pois isso implica em sentir medo. Por outro lado, com a técnica, com a certeza, não se experimenta o medo, a surpresa. Uma prática de vida que vive somente a certeza, promove a esterilidade filosófica.

Na educação, especialmente a escolar, tem se formulado questões e formado ideias como prevenção; então, se educa para prevenir e prever, como sendo um marxista do mesmo, que impede mudanças. Há uma busca

da resistência, porém, esta como certezas do que já fazer pronto, acabado; isso se dá por meio de reflexão que dá resposta pronta, não como atirar-se e atrever-se a pensar o que há e o que é daqui. Nessa perspectiva, torna-se necessário repensar as dicotomias cristalizadas: a técnica ou a surpresa; a elite ou o povo. São dimensões diferentes e que se tornam determinadas e deterministas desde o dominador, desconsiderando o lugar e o ser dominado. O exemplo oferecido por Kusch (1976) em seu texto é que ‘se extrai o mesmo mineral porque, senão, se perde tempo e dinheiro’. Então, com a coragem do ainda não, seria necessário provocar, cavar e buscar além do já visto, ou seja, filosofar a partir do não visto, do escondido, daquilo que não está nunca tão aparente no cotidiano.

Há, no homem sul americano, o medo de ser inferior, pois já foi catalogada como inferior a América do Sul, seja nos mapas, seja no ser humano, seja em sua cultura. Isso cria no ser daqui o panorama de um superior como o útil e o inferior como o inútil, assimilando e imprimindo em si uma postura resignada. Se em verdade cristalizou-se uma aculturação desde fora, precisamos fazer a viagem que nos leve até as raízes de nossa existência.

Superar o medo da história pode ser o primeiro passo para a superação; há aqui uma história acidentada, não linear, com grandes diferenças entre campo e cidade, o que já define rico e pobre. Os analfabetos, no segundo grupo citado, não fazem parte da história. Foi construída a história a partir de fatos e coisas, desprezando o homem; não a história do homem daqui. A história divulgada trouxe personagens criados como superiores, desfazendo-se de pessoas que aqui se constituíram até algum certo momento. Essas pessoas morreram, ou melhor, foram aniquiladas, fato este que se repete no meio educacional. Portanto, precisam ser resgatadas de seu poço interior.

Com a consciência acerca destas reflexões, meu desejo aqui é construir um pensamento que valorize o outro não reconhecido e que dê razões para novas reflexões e possibilidades, na educação e nos diversos lugares em que tais reflexões chegarem. É sempre oportuno um pensamento que instigue novas ações e novos comportamentos como postura ética na sociedade em que estamos todos inseridos.

Para esta realização, quero aqui aproximar o pensamento de Freire e Kusch de maneira que suas reflexões dêem força para novas ações

educativas. Ambos são de um mesmo ambiente, o sul americano; este merece tais reflexões e resgate de pensamentos anteriores a fim de que novas possibilidades educativas surjam e resgatem o homem sofrido de suas misérias e fortaleça uma filosofia desde este seu lugar. Pensar com os autores citados é condição para a superação de limites construídos e que o constituíram como homem resignado.

Com tal reflexão, se tornará mais clara esta aproximação dos pensamentos de Freire e Kusch no que tange ao homem sul americano e os aspectos que o tornam submisso a ações exteriores, estas sempre presentes na história e nos meios que todos nós, educadores, frequentamos. Assim, alguns objetivos podem ser considerados com os estudos acerca da negação da cultura do ser americano, da exploração do homem sul americano, da vida resignada e das possibilidades de superação desde seu poço interior (o homem nu).

Dessa forma, aproximamos os pensamentos tomando elementos e conceitos de seus pensamentos, em especial, quando tais pensadores tratam da resignação, do medo, da liberdade, da exploração e das possibilidades de superação dos limites constituídos na cultura sul-americana.

Após aprofundar os estudos e a aproximação dos pensamentos de Freire e Kusch, por meio dos conceitos e reflexões, pode ser feita a avaliação dos conceitos aproximados de forma a oferecer subsídios filosóficos para novas reflexões, ao leitor ou qualquer outro interlocutor, para se chegar a novas possibilidades de reflexão, especialmente em ambientes escolares, sejam básicos ou superiores, considerando o pensamento de cada local e de cada estudante, comumente desprezado em suas exposições e reflexões.

Com tais iniciativas, nossas inquietações a respeito dos pensamentos de Paulo Freire e Rodolfo Kusch e suas aproximações dão suporte para continuar uma reflexão sobre a educação na América Latina e a formação de um povo, seus limites e possibilidades, bem como buscar uma Filosofia da Educação que instigue nossa atuação e prática docente que privilegie a vida do outro, do sofrido e miserável, do dominado, do sem voz, em sala de aula ou fora dela, que pode nos dar o que pensar, mas que, comumente, é desprezado, colocado à parte e tornado resignado, não por sua vontade, mas por forças estranhas, externas e estrangeiras: a força daquele que está sempre em posição de domínio.

Além disso, temos a intenção de continuar e aprofundar tais estudos em outros momentos a fim de verificar mais aproximações e algumas divergências nos pensamentos dos autores aqui destacados, pois há nuances nos pensamentos e na consideração dos ambientes em que cada um viveu, atuou e expressou suas intenções de investigação e de desejo em encontrar caminhos para a superação de medos interiores e culturais. De todo modo, suas contribuições são fundamentais para se pensar a atualidade da educação no Brasil e em toda a América Latina e Caribe, valorizando contextos de vida e possibilidades de pensamento filosófico enraizado.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1961.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2UVHhrJ>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. Buenos Aires: Fernando Garcia Cambeiro, 1976.